

## SONHOS E DELÍRIOS

Em "Sonhos e delírios" Elizethe Borghetti reúne o dionisíaco e o apolíneo em 24 quadros que constituem duplos. Foram estes duplos sonhados, ou são apenas resultado de um delírio da artista? Como saber? Para que saber? Sonha-se em branco e delira-se em preto? Ou sonha-se em preto e delira-se em branco? A quem se pode atribuir o sonho? A quem se pode atribuir o delírio? A Elizethe ou a Freud? Cada um dos duplos contém elementos predominantemente apolíneos ou dionisíacos? Pode-se pensar os quadros de Elizethe a partir destes duplos e do seu significado. Freud é apresentado de modo apolíneo. Um véu está posto entre o pensador e o público, por não ser suportável olhá-lo diretamente. Elizethe apresenta-se dionisíaca, em seu auto-retrato espiralado. O molde de um seio lembra-nos que a partir de si outros podem ser feitos. Um seio encoberto por uma renda preta provoca embriaguez tanto em decorrência de lembranças como em decorrência de desejos latentes/ Qual embriaguez nos causa mais prazer? Há dois ninhos: um, feito com a dureza do metal, verga o homem; no outro, a nódoa de sangue na suave palha lembra-nos que não há mais o que vergar. Garrafas usualmente provocam embriaguez pelo líquido que contêm. Através das mãos da artista santos foram aprisionados. De qual deus Elizethe quer nos aproximar. Fotografias antigas nos contam histórias conhecidas e histórias jamais sabidas. Em um dos quadros, vê-se parte do passado através de um véu. Há novamente um véu para nós proteger do que nos é insuportável? Espelhos e pêndulos revelam, igualmente, a passagem do tempo: O pêndulo marca sua passagem. O espelho nos faz ver, em nossos próprios rostos, que o tempo inevitavelmente, passa. Relógios e pedras nada podem contra este senhor. De todos os sentidos, a visão e a audição são os únicos que necessitam um do outro. Para que falar, se não houver quem nos ouça/ Para que ouvir, se não houver quem nos fale. As formas de falar e de ouvir podem variar, pois não apenas palavras unem estes sentidos. Circularidade? Circularidade? Pés e mãos são as partes do nosso corpo que podem estar, sucessivamente, o mais próximas e o mais afastadas de si. O que as une? Às vezes, apenas nosso sangue, vermelho. Por que o nome de Antígona está escrito no dedo anular de uma mão esquerda? Dois olhares cegos: um porque tem não tem olhos, outro porque está sen1 armação. O que eles veriam se quisessem? Como pode-se representar melhor a inocência? Pela santíssima trindade ou pela sapatilha de uma pequena bailarina? Se se pensar que é pela sapatilha de uma pequena bailarina, estamos culpando Deus de quê? Caixas que vêm de longe, cartas de quem está longe: ambas relembram-nos que a distância física existe. E quando se está longe do que está perto, podem caixas e cartas nos aproximar? Corpos nus, ou quase nus, há sempre algo que nosso pudor exige que escondamos. Nosso pudor não poderia exigir que deixássemos de nos esconder? Fomos tomados pelos sonhos e pelos delírios de Elizethe? Qual deus deixamos que nos tocasse? Sonhos e delírios nada mais são do que dois modos de ser do mesmo ser.

Ana Carolina da Costa e Fonseca

Bacharela em Direito - UFRGS, Mestre e doutoranda em Filosofia - UFRGS

Professora de Filosofia do Direito e de Introdução ao Estudo do Direito na ULBRA,  
Canoas